



Morfologias do território: dimensões do espaço e do tempo

Maria Manoela Gimmler Netto 

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
E-mail: manoelagnetto@gmail.com

<https://doi.org/10.47235/rmu.v12i1.390>

Introdução

Sendo o território um espaço geográfico e histórico, moldado singularmente pela natureza e por processos antrópicos, o estudo morfológico que envolve as dimensões do espaço e do tempo, torna-se fundamento para proposições em escala regional na contemporaneidade. No início do século XXI, torna-se premente considerar o espaço urbano em seu contexto regional. Isso se deve à aceleração da urbanização por territórios cada vez mais amplos, modificando os usos do solo rurais e de preservação ambiental nesse processo. Mais do que isso, o espaço urbano depende dos fatores ambientais e funcionais de sua região.

É evidente a crescente insatisfação com os resultados produzidos pela urbanização, tanto em relação à desigualdade socioespacial, quanto à degradação ambiental. E as demandas globais urgentes como a crise climática, a escassez de recursos e a vulnerabilidade socioambiental confrontam o território com dinâmicas complexas na realidade contemporânea.

Para Strappa (2018), a leitura das mudanças em curso, nas quais a urbanização avança para a região e os territórios são transformados em matéria urbana, é um dos mais difíceis assuntos a abordar metodicamente. Nesse sentido, as abordagens morfológicas territoriais se apresentam como uma possibilidade de superação da dicotomia urbano-rural, em favor da compreensão da expansão urbana como uma condição territorial contemporânea.

Viganò et al. (2016) argumentam que os projetos de infraestrutura regional são baseados em especialização e hierarquização do sistema hídrico e viário ao longo de trajetórias lineares, que segmentam o espaço para dar continuidade aos fluxos. O impacto

destas estruturas é a diminuição da capilaridade das redes, concentrando os fluxos ao invés de distribuí-los. Ao perceber essa lógica, o caráter isotrópico do território representa um potencial para se pensar um modelo permeável, que se estabelece pela capacidade distributiva das redes e dos tecidos urbanos em escala regional. Isto significa uma matriz de dispersão, fundamentada na capilaridade das redes hidrológicas e viárias.

No entanto, qualquer nova formulação de intervenção requer um conhecimento das morfologias do território. E para compreendê-las é necessária a adoção de abordagens integrativas das dimensões do espaço e do tempo, contidas na noção de palimpsesto.

A variedade caleidoscópica de temporalidades, que inclui o tempo linear, o cíclico e o instantâneo, permite que a noção de palimpsesto seja adotada como ferramenta renovada para análise urbana. Sendo essa a contribuição da Morfologia Urbana no campo interdisciplinar, fomentar as pesquisas e o ensino para a compreensão do território como palimpsesto.

Território como palimpsesto

A abordagem do palimpsesto é conhecida para se referir ao processo pelo qual as formas urbanas são sucessivamente transformadas por camadas temporais subsequentes. Cada camada é derivada de adaptações formais da cidade às demandas socioeconômicas e técnicas de determinado período. Tal como um palimpsesto, no qual diversas camadas de texto são sobrepostas em um mesmo pergaminho, por meio de reutilização, apagamento e adição.

O termo palimpsesto é utilizado como um meio para mapear as diferentes camadas das paisagens urbanas em análises morfológicas.

Dessa maneira, os indícios espaciais dos diferentes períodos podem ser reconhecidos ou apagados no espaço urbano contemporâneo, como explicam Pereira Costa et al. (2017).

Aplicado ao território, o palimpsesto refere-se ao processo de longo prazo que envolve múltiplas transformações, contidas na história evolutiva espacial. E enfatiza o espaço como um conjunto de morfologias com significados, muitas vezes ignorados pelo campo do planejamento, dominado pelo paradigma da tábula rasa, segundo Viganò (2020).

Para a autora, o palimpsesto como figura do projeto contemporâneo não é apenas uma crítica ao espaço moderno, mas a expressão de uma mudança de rumo na atividade projetual, do seu papel social e das teorias que a fundamentam. Nesse contexto, a investigação territorial traz racionalidades à tona, demonstrando as dimensões temporais e as estruturas organizacionais do espaço como meio para redefinir a dicotomia urbano-rural.

Cavaliere e Lanza (2020) reforçam que a noção de palimpsesto entende o espaço em sua evolução cronológica, produzindo uma análise das quatro dimensões do território. Metodologicamente, a análise contém representações bidimensionais de uma realidade espacial tridimensional, que permitem uma apreensão em diferentes contextos temporais. Teoricamente, o avanço das noções que envolvem o território fez com que aumentasse o interesse de diferentes disciplinas, ampliando a complexidade de investigação.

Viganò (2020) argumenta que o território é o resultado de uma construção e o palimpsesto uma acumulação de objetos físicos e mentais, teorias, sistemas de valores e racionalidades. Existe uma estrutura de longa duração que produz morfologias, revelando racionalidades da história de eventos em um espaço estratificado. Essas morfologias de longa duração referem-se à natureza e aos processos históricos da ação humana sobre os territórios.

Nesse sentido, os processos de permanência, resistência ou desaparecimento podem ser vistos como indícios sobre os ciclos materiais, em diálogo com preservação, reciclagem e demolição, respectivamente. Além disso, surge uma noção diversificada do tempo,

dinâmico, temporário ou cíclico, que se refere tanto a processos extremamente curtos, quanto aos de longa duração, como explicam Cavaliere e Lanza (2020).

Outro fator relevante a se considerar é que o desenvolvimento urbano apresenta vínculos intrínsecos com os aspectos econômicos, materializando morfologias de diferentes períodos de ocupação e atividades produtivas. E, por esse motivo, o território pode também ser entendido pela ótica do palimpsesto produtivo.

Morata et al. (2020) corroboram com essa ideia ao aplicar a noção de palimpsesto como uma lente para mapear os processos econômicos nos territórios, com base nos aspectos produtivos, de distribuição e mediação das atividades. A partir da noção de territórios produtivos é possível perceber a vinculação das atividades econômicas à utilização dos recursos ambientais na materialização dos territórios ao longo do tempo e na contemporaneidade.

Para lidar com a complexidade de investigação torna-se necessária a utilização de mapeamentos estratégicos, típicos da abordagem morfológica italiana. Mais do que isso, a noção de palimpsesto concretizada em mapeamentos operacionais demonstra que essa estratégia não é apenas uma ferramenta para análise ou descrição, é também um meio para o planejamento, governança e para a formulação de políticas para a paisagem.

Assim, a noção de território como palimpsesto permite a identificação de espacialidades do processo temporal de ocupação, desde o período de formação até o desenvolvimento mais recente. Ao compreender as morfologias territoriais em suas dimensões espaciais e temporais é possível investigar os vínculos regionais que as fundamentam.

Fundamentação da morfologia territorial

A fundamentação italiana se baseia nos estudos do arquiteto Saverio Muratori que, no final da década de 1960, introduziu o conceito de território com um senso de identificação geográfica-espacial. De acordo com Marzot (2016), uma análise territorial nunca publicada, conhecida como *Studi per una operante storia del territorio*, demonstra o interesse dessa linha de pensamento por uma

visão ampliada do ambiente, concebido como um registro integrado da natureza e das ações humanas.

Nesses estudos, Muratori e seus colaboradores estabeleciam recortes de análise, que se baseavam em uma configuração ao longo de linhas de desenvolvimento socioeconômico, representadas como um sistema de trajetórias longitudinais e transversais. Por isso, os estudos morfológicos tornam-se o veículo interpretativo com o qual se podem ler todos os vestígios de transformação do território como um palimpsesto, conforme Tagliazucchi (2015).

Caniggia e Maffei (2001) sistematizaram esses estudos e publicaram a teoria que compreende o território como um organismo individual formado a partir da conexão entre rotas, assentamentos, áreas de produção e núcleos urbanos. Resumidamente, a ação humana sobre o território se inicia com o estabelecimento de rotas. Em seguida, determinados locais do território favorecem a fixação, permitindo a obtenção de recursos naturais, configurando-se em assentamentos. Em sucessão, ocorre a fase de produção

artificial constante, pela modificação do uso do solo e dos recursos naturais. A última fase define uma hierarquia entre os assentamentos, pela implantação de um sistema comercial e de atividades manufatureiras, que passam a consistir espacialmente em núcleos urbanos.

Assim, a estrutura do território pode ser lida por meio das fases de ocupação e uso territorial. Definidas pelo estabelecimento de rotas, que vinculadas às condicionantes ambientais, traduzem aspectos de formação, consolidação, articulação, especialização e hierarquização entre núcleos urbanos em escala regional (Gimmler Netto, 2020).

Como os núcleos urbanos e as rotas são fortemente condicionados pela geomorfologia e pela hidrografia, os eixos de desenvolvimento territorial, geralmente, ocorrem em rotas longitudinais que acompanham as curvas de nível, por apresentarem menor declividade. Esses eixos apontam a direção de desenvolvimento do território, frequentemente localizados nas rotas de fundo de vale, como ilustra a Figura 1.

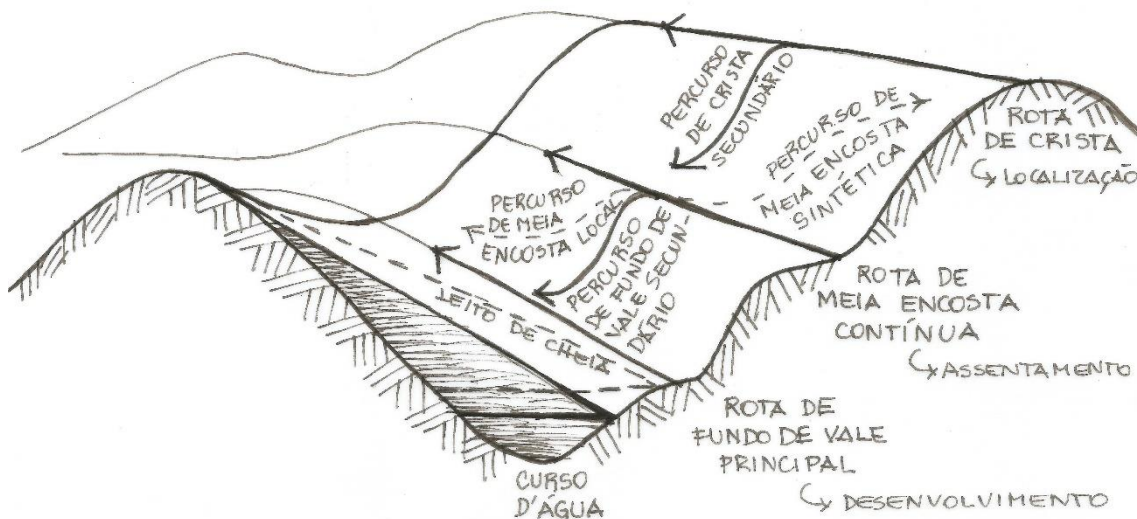


Figura 1. Rotas do território e sua vinculação com a geomorfologia (fonte: Gimmler Netto, 2020)

Os assentamentos são, geralmente, vinculados à meia encosta e progressivamente se desenvolvem em núcleos urbanos. Os diferentes núcleos urbanos são importantes elementos estruturadores do território, de onde partem ou chegam rotas, definindo uma rede urbana regional.

É possível também avaliar as transformações dos assentamentos em núcleos urbanos. E, em períodos históricos subsequentes, analisar o desenvolvimento dos núcleos urbanos em cidades de diferentes portes e metrópoles. Esses processos de desenvolvimento urbano influenciam na estruturação morfológica do

território em sua região.

Tagliazucchi (2015) argumenta que Muratori procurou demonstrar o valor histórico-antropológico do território, ao ressaltar a adaptação das morfologias humanas às ambientais. E deriva-se dessa ideia a noção de pertencimento a uma singularidade territorial, como um espaço social e ambientalmente compartilhado, como explica Gimmler Netto (2020). Nesse sentido, os processos de apropriação e produção territorial deixam marcas passíveis de serem reconhecidas como elementos morfológicos de uma paisagem. Isto aproxima os estudos morfológicos territoriais aos aportes contemporâneos da paisagem.

Portanto, a abordagem territorial investiga a racionalidade do projeto urbano e rural em escala regional, de cada época histórica. E, por esse motivo, a análise do palimpsesto contribui para identificar rupturas ou continuidades na lógica espacial e temporal da urbanização pelos territórios, permitindo novas perspectivas para o projeto contemporâneo de planejamento da paisagem.

Referências

- Caniggia, Gianfranco; Maffei, Gian Luigi. (2001) “Territorial organism as individuation of typical connections between route, settlement, productive and urban organisms”. In: *Architectural composition and building typology: Interpreting Basic Building* (Alinea editrice srl. Firenze). 194-227.
- Cavalieri, Chiara; Lanza, Elena Cogato. (2020) “Territories in Time: Mapping Palimpsest Horizons”. *Urban Planning*, Volume 5, Issue 2. 94-98.
- Gimmler Netto, Maria Manoela. (2020) “Paisagem contemporânea de expansão metropolitana de Belo Horizonte: interações globais em morfologias locais”. Tese de Doutorado, UFMG, Belo Horizonte.
- Gimmler Netto, Maria Manoela; Souza, G. B.; Saidler, M. F. S.; Faria, L.G. (2023) “Entre a serra e o rio: uma abordagem territorial”. In: *A Morfologia Urbana de Tiradentes/MG*. 1ed. (Pacoti, CE: Geplam Assessoria: PPG-ACPS, UFMG). 22-57.
- Marzot, Nicola. (2016) “Studies for an anthropology of the territory. New achievements from Saverio Muratori’s archive”. In: Strappa, G; Amato, A. R.D; Camporeale, A (editors). *City as organism: new visions for urban life*. Anais 22nd ISUF, Rome, Italy.
- Morata, Berta; Cavalieri, Chiara; Rizzo, Agatino; Luciani, Andrea. (2020) “Territories of Extraction: Mapping Palimpsests of Appropriation”. *Urban Planning*, v. 5, n. 2. 132-151.
- Pereira Costa, Staël de Alvarenga; Gimmler Netto, Maria Manoela; Schiavo, Priscila; Bertu, Larissa; Jacomini, André; Maciel, Marieta. (2017) “Estudos morfológicos como documentação: palimpsesto das formas urbanas de Belo Horizonte”. em Mendonça, E. e Esteves Junior, M. Anais da 6ª Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana, PNUM 2017, 24-25 agosto 2017, Vitória, Brasil (UFES, Vitória) 411-419. <https://pnum2017.wixsite.com/pnum2017>
- Strappa, Giuseppe. (2018) *Observations on urban growth* (FrancoAngeli; Milan).
- Tagliazucchi, Silvia. (2015) “Studi per una operante storia del territorio: il libro incompiuto de Saverio Muratori”. Tese de Doutorado, Università di Bologna, Italy.
- Viganò, P; Fabian, L; Secchi, B. (2016) *Water and asphalt: the project of isotropy* (Zürich, Switzerland: Park Books).
- Viganò, Paola. (2020) “Palimpsest Metaphor: Figures and Spaces of the Contemporary Project”. *Urban Planning*, Volume 5, Issue 2. 167-171.

*Editoras responsáveis pela submissão: Eneida Maria Souza Mendonça, Michela Sagrillo Pegoretti.
Editor assistente: Vitor de Toledo Nascimento. Editora de texto: Linda Emiko Kogure.*

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

